



nº 12 - junho de 2014

## APRESENTAÇÃO

Chegamos a este número 12 de *FronteiraZ* com uma das temáticas das mais significativas para os estudos literários - os 90 anos de publicação de *Memórias Sentimentais de João Miramar* e do *Manifesto da Poesia Pau Brasil*, ambos de Oswald de Andrade, que abriram novas perspectivas não só para o romance brasileiro no contexto das vanguardas europeias da 1ª metade do século XX, mas também reverberaram para outras produções do autor e as de muitos contemporâneos seus, criando desdobramentos até a atualidade no âmbito da arte, da literatura e da cultura brasileiras.

Esta meta de *FronteiraZ* 12 poderá ser percebida mais diretamente pelo leitor na seção de *Artigos*, que se abre com dois deles - “João Miramar e as dobras do texto” e “Por ocasião da descoberta da poesia” - o primeiro posicionando-se entre espaços e vozes que ressoam para dentro e para fora do livro e o segundo focalizando a poesia *Pau Brasil* como “um livro-programa em forma de diário-jornada” a um só tempo estético, social e político. A partir deste núcleo, expandem-se outros aspectos da obra oswaldiana, seja no seu diálogo com a pintura *Pau-Brasil* de Tarsila do Amaral tendo por elemento catalizador a africanidade inscrita na língua *vocalescrita* da poesia e na plasticidade primitivo-cubista da tela *A Negra*, em “Tarsiwald: imagens de diferentes Áfricas na poesia Pau-Brasil e na pintura Pau-Brasil”, seja por incursões de Oswald no cinema como roteirista, em “Oswald de Andrade e o cinema”, ou ainda na dramaturgia em “Dos manifestos à linguagem do teatro: *O rei da vela* e *A morta*, de Oswald de Andrade”, até atingirmos novas dimensões oswaldianas em outros tempos e espaços como acontece em “Oswald de Andrade e o legado lúdico”, no qual estratégias poéticas como a autorreferencialidade, a autocrítica e o jogo se desdobram desde *Miramar*, a poesia *Pau-Brasil* e *Serafim Ponte Grande* até seu redimensionamento em autores do século XX como Clarice Lispector e Guimarães Rosa, e, finalmente, já no século XXI, o encontro com a poética de Arnaldo Antunes por meio da dimensão performática, em “Oswald de Andrade e Arnaldo Antunes: poéticas criativas na era da reprodutibilidade técnica, digital e dialógica”.

Na seção de *Ensaio*s, três trabalhos se apresentam: “Arte moderna: vanguarda e

emancipação”, que instaura uma relação de complementaridade com a obra oswaldiana, seguido de dois outros que focalizam autoras femininas: “A poesia de Harryette Mullen e a (des)construção da mulher e de suas fronteiras”, centrado na obra da premiada poetisa afro-americana contemporânea, criadora de uma nova experiência de negritude na fronteira entre poesia, oralidade e ritmos da cultura negra como o jazz, o blues, o rap e o hip-hop, e “Narrativa portuguesa pós-revolução: os autores mulheres e as novas representações sociais”, ensaio que trata da inversão simbólica promovida pela escrita do feminino, após a Revolução portuguesa de Abril de 1974, por meio do confronto com o imaginário masculino alicerçado sobre a ideia de dependência e inferioridade.

A seção de *Resenhas* nos oferece o acesso a três livros – *Kalahari*, do poeta português Luís Serguilha, *A estética de György Lukács e o triunfo do realismo na literatura*, de Ranieri Carli e *The Hunger Games (Jogos vorazes): Mockingjay*, de Suzanne Collins. Destaca-se, na diversidade do conjunto, o estranhamento provocado por este último, um best-seller, do livro para as telas do cinema, e que, ao ser objeto de uma resenha crítica, desafia o próprio gênero no contexto de um periódico científico.

Em *Estudos*, dois textos – “George Steiner: o desafio da pós-palavra” e “Inoperatividade: estética, ética e política” – focalizam alguns aspectos do pensamento de George Steiner e de Giorgio Agamben, renomados intelectuais contemporâneos, e suas contribuições para os estudos literários. No primeiro, apresenta-se uma síntese do percurso reflexivo de Steiner, autor de inúmeras obras nas quais explora a reflexão sobre o fenômeno da linguagem e, mais especificamente, sobre o poder da literatura no âmbito da poesia; no segundo, o conceito agambeniano de “inoperatividade” é o centro deflagrador para se pensar a língua poética como inoperante por desativar a função comunicativa da língua, deixando-a exposta à sua natureza mais originária, isto é, o seu puro “poder dizer”. É neste ponto que a arte é, para Agamben, essencialmente ética e política “por ser uma operação que torna inoperativo e que contempla os sentidos e os gestos habituais dos homens e que, desta forma, os abre a um novo possível uso”.

E, finalmente, na seção *Entrevista*, a nossa convidada, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gênese Andrade da Silva, grande estudiosa da obra oswaldiana, brinda-nos com um percurso que vai do modernismo brasileiro, ao par Tarsiwald e os vínculos estreitos entre literatura e artes plásticas, até os *Manifestos* e *Miramar*, no cruzamento entre teoria, prosa e poesia, para desembocar na *antropofagia* como um legado estético, crítico, cultural e político, que se desdobra em outras poéticas inscritas nos séculos XX e XXI.

*Maria Rosa Duarte de Oliveira*